



A QUESTÃO DA MEMÓRIA E DA RECONSTITUIÇÃO DAS LEMBRANÇAS EM LES RÊVERIES DU PROMENEUR SOLITAIRE, DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Natália Pedroni Carminatti¹

RESUMO

W

A finalidade primeira do presente artigo é estudar o tema da memória em *Les rêveries du promeneur solitaire*, última obra que compõe a trilogia autobiográfica do filósofo de Genebra, Jean-Jacques Rousseau. O trabalho metafórico da memória permeia essa obra inaugural do pré-romantismo francês, revelando a importância do inconsciente para o entendimento do próprio ser. Com base nos estudos psicanalíticos promovidos por Sigmund Freud (1856-1939), intenta-se desvelar certas lembranças esquecidas, ou melhor, mascaradas pelas repressões sociais, reconstruindo, dessa forma, a existência de Rousseau.

Palavras-Chave: Século XVIII; Jean-Jacques Rousseau; Memória.

RÉSUMÉ

L'objectif premier de cet article est d'étudier le thème de la mémoire dans *Les rêveries du promeneur solitaire*, la dernière oeuvre qui compose la trilogie autobiographique du philosophe de Genève, Jean-Jacques Rousseau. Le travail métaphorique de la mémoire traverse cette oeuvre inaugurale du Pré-Romantisme français, révélant l'importance de l'inconscient dans la compréhension de l'être. Fondée sur les études psychanalytiques promues par Sigmund Freud (1856-1939), on essaie de dévoiler quelques souvenirs oubliés, ou plutôt masqués par des répressions sociales pour reconstituer, ainsi, la fin de l'existence de Jean-Jacques.

Mots-clés: XVIII^e siècle; Jean-Jacques Rousseau; Mémoire.

¹ Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Estudos Literários. Araraquara- SP – Brasil. 14.800-901- napedroni@hotmail.com.

* As passagens originais de *Les rêveries du promeneur solitaire* encontram-se em nota de rodapé.

“Eu não escrevo meus devaneios senão para mim” (ROUSSEAU, 1986, p. 27).² Adentra-se, aqui, nos devaneios do caminhante solitário. O filósofo iluminista, Jean-Jacques Rousseau (1772-1778), em sua empresa de escrever para si, compõe sua terceira produção autobiográfica, *Les rêveries du promeneur solitaire*, após a escritura de dois trabalhos de mesmo caráter: *Les Confessions* e *Les dialogues, ou Rousseau juge de Jean-Jacques*. A obra publicada postumamente, em 1782, cede ao desejo rousseauiano de conhecer a si próprio e de desfrutar do sentimento da própria existência. Ao destinar seus últimos dias ao exame de si, procurou encontrar a melhor maneira de comunicar os momentos em que as lembranças do passado lhe vinham à mente. No decorrer de seus devaneios, o genebrino sensibiliza-se de alegria, desvairando o êxtase de sua existência, acreditando ser um homem completo e pleno de felicidade. Com isso, convida a participar desses encontros consigo mesmo, porém confessa a impossibilidade de relembrar as passagens na íntegra, gerando, dessa forma, desconfiança em seu leitor, dado que não se sabe se a obra relata passagens verdadeiras ou se são ficcionalizações da vida do filósofo.

Historicamente, o processo de constituição da memória era delimitado pela intensa necessidade de gravar. Para Platão, a metáfora do bloco de cera, antepassado distante do bloco mágico desenvolvido por Freud, era essencial para imprimir aquilo que se desejava recordar. Entretanto, para Aristóteles, a memória é o tempo passado trazido ao tempo presente sob as sensações e os pensamentos. Observa-se, dessa forma, a função primordial da memória: a temporização. A volta ao passado é, de acordo com Ricoeur (1913), uma caçada. Trabalha-se os neurônios para voltar aos momentos mais pertinentes da existência, ou aos momentos que suscitaram alguma sensação, quer seja de felicidade, quer seja de dor. Desse modo, é preciso conhecer o tempo, pois a demarcação da unidade temporal é intrínseca à essência da memória.

Santo Agostinho, em *Confissões X*, retrata o caminho da busca do conhecimento de si como pressuposto para atingir as verdades sólidas e perenes. Ao considerar a memória como o ventre da alma, revela o poder desta na construção da identidade do ser. Assim, a verdade é encontrada no ser humano por meio da interioridade, isto é, por meio do conhecimento. Com sabedoria, é possível apreender as verdades consideradas universais:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda não o absorveu e sepultou (AGOSTINHO, 1973, p.200).

No decurso da leitura de seus devaneios, Rousseau dá a conhecer as falhas de sua

² “*Je n’écris mes rêveries que pour moi*” (ROUSSEAU, 1972, p. 42).

memória que, em diversos momentos, prejudicavam a relembração dos acontecimentos na íntegra. O não lembrar era preenchido por situações possíveis ou por situações imaginárias? A presença da sociedade do século XVIII ajudaria a compreender se o que conta o filósofo em sua obra é verdade, ou se é produto do seu universo criativo. Como não se conhecem as vias de acesso a esta sociedade, pois, hoje, este grupo encontra-se sepultado, apoia-se, aqui, nas teorias freudianas para responder às interrogações que se levou a estudar a obra rousseuniana, sobretudo, a que inaugura o pré-romantismo francês.

Ao se optar pelo estudo do grande filósofo do século XVIII a partir do viés psicanalítico, explora-se as teorias da psicanálise que revolucionaram a era do XIX, a partir dos estudos promovidos por Freud. Nora (1993), em *Entre memória e história: A problemática dos lugares*, abre os caminhos no que tange as transições enfrentadas pelos estudos da memória:

É no fim do século passado, quando se sentem os abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais, particularmente o desabamento do mundo rural, que a memória faz sua aparição no centro da reflexão filosófica, com Bergson, no centro da personalidade psíquica, com Freud, no centro da literatura autobiográfica, com Proust? A violação do que foi, para nós, a própria imagem da memória encarnada e a brusca emergência da memória no coração das identidades individuais, é como duas faces da mesma cisão, o começo do processo que explode hoje. Não devemos efetivamente a Freud e a Proust os dois lugares da memória íntimos e ao mesmo tempo universais que são a cena primitiva e a célebre pequena madalena? **Deslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transitivo ao subjetivo, da repetição à rememoração. Inaugura-se um novo regime de memória, questão daqui por diante privada.** A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado. (NORA, 1981, p. 17-18, grifo nosso).

Em meio às diversas crises que intentavam dessacralizar os cânones impostos pela tradição, a memória perde a função de “arte da memória”, isto é, deixa de ser instrumento de emissão verbal da cultura, e passa a ser observada como processo indispensável na construção da identidade do sujeito. No Iluminismo (1680-1780) e na fase Romântica (1800-1840) é que se desenvolvem os primeiros estudos relacionados à memória, com ênfase na arquitetura do ser. Ademais, a reminiscência passa a ser via de ingresso ao tempo passado. É uma circunspeção sobre as vicissitudes subjetivas dessa prática, cessando de ser ato consciente de rememoração. Na literatura, esta propensão está registrada nos produções de Jean-Jacques Rousseau. A memória é, portanto, um processo particular e diz respeito à vida interior.

Elencando Literatura e Psicanálise sugere-se a análise subjetiva do texto rousseuniano, levantando a influência da literatura, especialmente da poesia, já que ela trata da própria condição humana, na formação pessoal do filósofo. O estudo subjetivo implica o grau de consciência do eu e a percepção deste eu diante das acepções do Outro (vozes sociais que delimitam as convenções impostas aos homens). À guisa de Freud, a identidade é instável e inacabada, construindo-se

no decorrer da vida, por meio de processos inconscientes. De maneira semelhante concretiza-se o funcionamento da memória. Opondo-se à linearidade, o trabalho realizado pela memória é também fruto de um processo fragmentário, que possibilita o acréscimo de novas interpretações, às elaborações já concluídas. A confluência entre Literatura e Psicanálise propicia uma leitura singular das *Rêveries*.

Desde o século XVIII o homem deparou-se com as intercepções do inconsciente. Em *Les rêveries du promeneur solitaire*, a escrita não é mais produto do trabalho consciente, em outras palavras, do trabalho estilístico, ornamentado, mas sim de supostas intromissões inconscientes que, para o filósofo de Genebra, eram provenientes das constantes mudanças pelas quais sua alma enfrentava. As agitações de sua *psique* eram, segundo Rousseau, resultantes de sua situação atual: exilado da sociedade, o que lhe restava era ofertar seus dias finais à procura do eu inconsciente. A poesia representava, exatamente, as transformações de sua personalidade. Na era dos XVIII, não só as crises sociais determinavam novas condutas de vida, era a própria personalidade humana que experimentava mudanças.

Freud, teorizando sobre as realizações do inconsciente, desenvolve a teoria de “que todo conhecimento humano é motivado pela fuga da dor e pela busca do prazer: trata-se de uma forma daquilo que em filosofia se chama hedonismo” (EAGLETON, 2006, p.287). A literatura permite ao homem mirar-se, reconhecer-se, e a psicanálise interessa-se pelo indivíduo, é o próprio tipo de conhecimento que diz respeito à condição humana. Refletindo sobre os diferentes significados conservados pela obra literária, e as variadas leituras que se faz do texto, associa-se a literatura à psicanálise no que tange à capacidade de cada indivíduo de produzir um significado diferente para uma mesma coisa. O silêncio presente nas obras literárias, ou subtextos, é visto como o “inconsciente” da própria obra. Nas palavras de Eagleton:

As introversões da obra, como ocorre com todos os escritos, estão profundamente relacionadas com a sua cegueira: aquilo que ela não diz, e *como* não o diz, pode ser tão importante quanto o que diz; e o que parece estar ausente, ser marginal ou ambivalente a respeito dela, pode construir uma chave mestra para as suas significações (EAGLETON, 2006, p. 268, grifo da autora).

Deve-se atentar às estratégias narrativas provocadas pelo escritor, pois através delas compreendem-se os silêncios, as supressões propositais, que de uma forma ou de outra garantem a plurissignificação da obra literária. A riqueza polissêmica do texto rousseauiano garante os dois possíveis níveis presentes na construção narrativa: o superficial e o simbólico. O superficial alude às significações presentes exteriormente, enquanto o simbólico refere-se às significações profundas do texto, ou seja, às contribuições interiores da narrativa em que a compreensão exige uma leitura mais aprofundada.

Neste íterim de mudanças, a arte que, anteriormente, não estabelecia pontos de intersecção com a psicanálise, sob o olhar freudiano consolida suas analogias, sobretudo com a literatura. O suporte teórico das disciplinas psicanalíticas baseia-se em conceitos como o Complexo de Édipo e a noção do inconsciente. Rousseau não conhecia a teoria peculiar ao inconsciente, no entanto, pressentia que suas agitações interiores não eram ditadas por ações conscientes. O anseio de voltar ao passado e estudar a si próprio, recuando à análise de sua própria alma, substitui a antiga maneira de compreender a condição a que fora subjugado e “o conhecer-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgara nas minhas *Confissões*”³ (ROUSSEAU, 1986, p. 55).

De acordo com Freud, os lapsos de linguagem, o chiste e os sonhos simbolizam as manifestações das vontades inconscientes, ou melhor, por meio deles é que se tem acesso ao inconsciente, de forma que os pensamentos dos sonhos, para serem interpretados, passam por um trabalho, designado pelo psicanalista vienense, de elaboração secundária. Por não participar do trabalho dos sonhos, a elaboração secundária toma como produto não os pensamentos latentes, mas as elaborações já concluídas no decorrer do exercício do sonho. No entanto, Freud atribui à elaboração secundária uma função atuante na formação do sonho. Em congruência com a condensação e o deslocamento, ela participa das criações oníricas.

“A elaboração secundária, ou ainda ‘tomada em consideração da inteligibilidade’ (*Rücksicht auf Verständlichkeit*), consiste na modificação imposta ao sonho, pelo sonhador, a fim de que apareça sob a forma de uma história coerente e compreensível” (GARCIA-ROZA, 2004, p.105). Dessa forma, a elaboração secundária permite que os pensamentos latentes adotem uma lógica coerente, perdendo sua imagem de absurdo, em favor de uma leitura aceitável na linguagem verbal. A fantasia ou os sonhos diurnos (devaneios) estão ligados à elaboração secundária do sonho, haja vista as semelhanças ao sonho noturno. Freud reconhece que os devaneios, bem como os sonhos, também são realizações de desejos inconscientes e refletem impressões de vivências infantis, favorecendo-se da atenuação das instâncias censuradoras.

Atentando-se ao devaneio, em que o enredo é imaginado no estado de vigília, Rousseau, ao transcrevê-los à escrita, como ele mesmo certifica, não consegue lembrá-los na íntegra:

Escrevia minhas *Confissões* já velho e entediado com os vãos prazeres da vida que, mesmo superficialmente, conhecera todos e dos quais meu coração bem sentira o vazio. Escrevi-os de memória; essa memória me falhava muitas vezes ou somente me fornecia lembranças imperfeitas e eu preenchia suas lacunas com detalhes que imaginava, como complemento dessas lembranças, mas que nunca lhe eram contrárias. Gostava de me alongar sobre os momentos felizes da minha vida e os embelezava algumas vezes com os ornamentos que ternas nostalgias vinham me fornecer. Dizia coisas que esquecera, como me parecia que deviam ter sido, como talvez realmente tivessem sido, nunca o contrário do que lembrava

³“*Je Connais-toi toi-même du temple de Delphes n’était pas une maxime si facile à suivre que je l’avais cru dans mes Confessions*” (ROUSSEAU, 1972, p. 73).

terem sido. Algumas vezes, conferia à verdade encantos estranhos, mas nunca a substituí pela mentira para paliar meus vícios ou para me atribuir virtudes⁴ (ROUSSEAU, 1986, p. 64).

As lembranças imperfeitas eram complementadas por detalhes que ele imaginava à maneira como poderiam ter sido. Em verdade, os fragmentos perdidos haviam sofrido o trabalho da elaboração secundária. O genebrino não os esqueceu, apenas os decifrou de modo a torná-los inteligíveis. A encenação imaginária vivida pelo devaneador, mesmo que se submetendo aos mecanismos defensivos, descreve a efetivação de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. Trata-se de uma tradução inacabada, ou nas palavras de Rousseau, imperfeita. Um devaneio jamais será, inteiramente, interpretado. A interpretação precisa desfazer as ligações lógicas impostas pela elaboração secundária, desfazendo o texto, a fim de atingir este enunciado do desejo.

É importante lembrar que o trabalho do devaneio executa uma atividade transformadora, pois como se sabe, o conteúdo latente é sempre convertido. Para Freud, todo pensamento que surge no sonho, nesse caso, no devaneio, está repetindo um padrão pré-existente nos pensamentos dos sonhos. Nas *Rêveries*, Rousseau, após o acidente de *Ménilmontant*, instante de maior êxtase vivenciado pelo narrador, volta em si. No transcorrer do devaneio ele diz:

Anoitecia. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de verdura. Esta primeira sensação foi um momento delicioso. Era somente através dela que começava a sentir minha existência. Nascia neste instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia. Vivendo inteiramente o momento presente, de nada me lembrava; não tinha nenhuma noção distinta da minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de me acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia nem dor, nem medo, nem inquietude. Via correr meu sangue como teria visto correr um regato, sem mesmo pensar que esse sangue me pertencia de algum modo. Sentia, em todo o meu ser, uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecidos⁵ (ROUSSEAU, 1986, p. 34).

⁴ *J'écrivais mes Confessions déjà vieux, et dégoûté des vains plaisirs de la vie que j'avais tous effleurés et dont mon coeur avait bien senti le vide. Je les écrivais de mémoire; cette mémoire me manquait souvent ou ne me fournissait que des souvenirs imparfaits et j'en remplissais les lacunes par les détails que j'imaginai en supplément de ces souvenirs, mais qui ne leur étaient jamais contraires. J'aimais m'étendre sur les moments heureux de ma vie, et je les embellissais quelquefois des ornements que de tendres regrets venaient me fournir. Je disais les choses que j'avais oubliées comme il me semblait qu'elles avaient dû être, comme elles avaient été peut-être en effet, jamais au contraire de ce que je me rappelais qu'elles avaient été. Je prêtais quelquefois à la vérité des charmes étrangers, mais jamais je n'ai mis le mensonge à la place pour pallier mes vices ou pour m'arroger des vertus* (ROUSSEAU, 1972, p. 88, grifo nosso).

⁵ *La nuit s'avancait. J'aperçus le ciel, quelques étoiles, et un peu de verdure. Cette première sensation fut un moment délicieux. Je ne me sentais encore que par là. Je nassais dans cet instant à la vie, et il me semblait que je remplissais de ma légère existence tous les objets que j'apercevais. Tout entier au moment présent je ne me souvenais de rien; je n'avais nulle notion distincte de mon individu, pas la moindre idée de ce qui venait de m'arriver; je ne savais ni qui j'étais ni où j'étais; je ne sentais ni mal, ni crainte, ni inquiétude. Je voyais couler mon sang comme j'aurais vu couler un ruisseau, sans songer seulement que ce sang m'appartint en aucune sorte. Je sentais dans tout mon être un calme ravissant auquel, chaque fois que je me le rappelle, je ne trouve rien de comparable dans toute l'activité des plaisirs connus* (ROUSSEAU, 1972, p. 48-49).

No decurso do devaneio, o genebrino imagina outra sensação diferente daquela sentida anteriormente. Somente depois do acidente, ele acredita ter nascido. O ato de devanear sugere a transcendência. Seu estado de espírito não identifica a dimensão provocada pelo desastre. Fisicamente, Rousseau estava desfigurado. Porém, dentro si, o filósofo sentia, pela primeira vez, o prazer da existência. O devaneio o conduzia ao encontro de si. Mesmo machucado, Rousseau gozava da felicidade. Suas ambições eram satisfeitas através dos devaneios. Apesar de serem conhecidas pelo filósofo, tais ambições estavam, ainda, no pensamento. Mesmo que imaginadas, não haviam sido experimentadas sob o aspecto das alucinações.

Isso é sonhar? Duvidar-se-ia. O puro devaneio é interno e mudo, absorvido em uma satisfação fugidia. Exteriorizar-se, para a consciência sonhadora, é já sair do devaneio. O semi-arrependimento que mais de uma vez Rousseau manifesta por não haver adotado as ideias e as imagens surgidas ao longo do caminho prova precisamente que o devaneio era bastante absorvente para não deixar atrás dele nenhum rastro verbal. (Assim ocorre com os nossos sonhos, dos quais os mais maravilhosos são sempre perdidos pela linguagem: é preciso resignar-se a formar-lhes, ao despertar, um equivalente aproximativo)⁶ (STAROBINSKI, 2011, p. 478).

Os questionamentos induzidos por Starobinski (1971) levam a pensar a natureza da *Rêveries*. O desgosto de não ter registrado os devaneios é superado pelo uso da imaginação. Nos sonhos, assiduamente, transfere-se os significados das palavras, haja vista a combinação delas com outras, provocando uma mistura de significações. A palavra, que no estado de consciência é portadora de um significado, durante os pensamentos dos sonhos recebe nova conotação. Isto tudo graças à facilidade dos enunciados lembrados possuírem vários significados, ou sentidos distintos do original. Com isso, palavras destituídas de sentido podem, no sonho, acrescentar outras acepções. E, aquelas já dotadas de significação, algumas vezes, perdem seu sentido verdadeiro, por conta dos trabalhos praticados no tempo do sonho.

A linguagem inábil a transpor o conteúdo visual dos sonhos prejudica o processo de decifração de certos desejos. A passagem da linguagem visual à linguagem verbal deturpa viáveis interpretações. O código verbal, pobre em métodos representativos, leva o psicanalista a buscar alternativas tangentes no processo de tradução. Rousseau procede de maneira semelhante, dado que ele afirma preencher as lacunas de sua memória com imagens que poderiam ter ocorrido. Nessa direção, o sentido mais enigmático da memória diz respeito à sensação afetiva que essas imagens carregam. Os seres humanos necessitam da memória para reviver as sensações do

⁶ *Est-ce là rêver? On en douterai. La pure rêverie est interne et muette, absorbée dans une fascination fuyante. S'exterioriser, pour la conscience rêveuse, c'est déjà sortir de la rêverie. Le demi-regret qu'a plus d'une reprise Rousseau manifeste de n'avoir noté les idées et les images surgies le long du chemin, prouve précisément que la rêverie était assez absorbante pour ne laisser derrière elle aucun sillage verbal. (Ainsi en va-t-il de nos rêves, dont le plus merveilleux sont toujours perdu pour le langage: il faut se résigner à en façonner au réveil un équivalent approximatif.)* (STAROBINSKI, 2000, p.416).

passado. Não se imagina a sensação anteriormente vivenciada, mas se concede ao homem a oportunidade de fazê-la ressurgir. Ora, a memória representa o poder de uma vivência continuar produzindo efeitos.

REFERÊNCIAS

GARCIA-ROZA, L. A. *A memória*. In: _____. Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

EAGLETON, T. A Psicanálise. In: _____. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 227-291.

NORA, P. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1981. p. 7-28.

ROUSSEAU, J.J. *Les rêveries du promeneur solitaire*. Paris: Gallimard, 1972 (Coll Folio Classique).

ROUSSEAU, J.J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, S/d. (Coleção Universidade de Bolso, v. 31993).

STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau. La transparence et l'obstacle*. Paris: Gallimard, 1961.